

CEMITÉRIO DE PÁSSAROS

DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

JUVÊNCIO MARINS

Escritor · Jornalista · Professor · Historiador

Material destinado a editoras, agentes literários e produtoras audiovisuais

1. Ficha da obra

Título: CEMITÉRIO DE PÁSSAROS

Autor: Juvêncio Marins

Gênero: Ficção histórica / thriller psicológico / drama de guerra

Extensão: 300 páginas

Estágio de desenvolvimento: Pronta

Público-alvo: Leitores adultos de ficção histórica, suspense, thriller psicológico, narrativas de guerra e histórias sobre sobrevivência, justiça, vingança e ambiguidade moral.

Formato de exploração: Publicação literária e adaptação audiovisual.

2. Pitch

Dezembro de 1944. Prisioneiros do campo de concentração Hoffnung conseguem o impensável: tomam o controle do lugar, encarceram militares nazistas e moradores da Vila de Ismloa e passam a ocupar suas casas, seus postos e suas vidas. À frente deles está o professor John Monturber. Quando emissários nazistas chegam com ordens para destruir todas as provas do campo, Monturber toma uma decisão extrema. Meses depois, capturado pelos norte-americanos, ele é submetido a sucessivos interrogatórios que revelam, camada após camada, o que aconteceu quando vítimas e algozes trocaram de lugar. CEMITÉRIO DE PÁSSAROS é um thriller histórico sobre sobrevivência, vingança, justiça e a inquietante pergunta: qual o limite entre vítima e carrasco?

3. Sinopse

Prisioneiros do campo de concentração Hoffnung tomam o controle do lugar, encarceram os militares e os habitantes da Vila de Ismloa e passam a ocupar suas casas, seus postos e suas vidas. Com a aproximação da derrota alemã, emissários nazistas chegam a Hoffnung com ordens para destruir todas as provas do que aconteceu no campo. Diante da ameaça, o professor John Monturber, líder dos antigos prisioneiros, toma uma decisão extrema: executar os homens que agora mantém encarcerados.

Em março de 1945, quando tropas norte-americanas finalmente capturam a Vila de Ismloa, encontram uma realidade difícil de compreender. Monturber é preso e submetido a sucessivos interrogatórios. A cada depoimento, uma nova e terrível faceta dos antigos prisioneiros vem à tona, revelando o que aconteceu depois que vítimas e algozes trocaram de lugar.

A libertação de Hoffnung deveria representar o fim de um pesadelo. Em vez disso, tornou-se o início de outro. Homens submetidos à fome, à violência, à humilhação e à morte passaram a dispor do mesmo poder que antes estivera nas mãos de seus carrascos. Entre vingança, sobrevivência e justiça, as fronteiras que separavam inocentes e culpados começaram a desaparecer.

Confrontado pelos interrogadores com as consequências de suas decisões, John Monturber terá de reconstruir os acontecimentos que transformaram Hoffnung e a Vila de Ismloa em um território onde já não é simples distinguir vítimas de carrascos. E, à medida que os fatos são revelados, permanece uma pergunta:

Qual o limite entre vítima e carrasco?

4. Diferenciais e posicionamento

Inversão de posições. A premissa desloca antigos prisioneiros para as casas, funções e identidades daqueles que os mantinham encarcerados, transformando a libertação em um novo conflito moral.

Estrutura de revelação. Os sucessivos interrogatórios de John Monturber reconstroem os acontecimentos por camadas, fazendo com que cada depoimento altere a percepção sobre vítimas, algozes, culpa e responsabilidade.

Protagonista moralmente ambíguo. Monturber lidera a tomada de Hoffnung e precisa responder pelas decisões extremas tomadas depois da inversão de poder, sustentando um conflito que evita respostas fáceis.

Contexto histórico de alta tensão. O fim da Segunda Guerra Mundial, a aproximação das tropas aliadas e a ordem nazista de destruir provas criam urgência dramática e pressão crescente sobre os personagens.

Conflito ético central. A obra desloca a pergunta da simples sobrevivência para o que acontece quando quem sofreu violência passa a deter poder absoluto sobre seus antigos carrascos.

Título integrado ao tema. A imagem do “cemitério de pássaros” traduz o apagamento silencioso das vítimas e o risco de que vidas desapareçam sem vestígios, memória ou testemunho.

5. Potencial editorial e comercial

A obra combina ficção histórica, suspense e thriller psicológico em uma premissa de comunicação imediata: prisioneiros de um campo de concentração tomam o controle do lugar e passam a ocupar as vidas de seus antigos opressores.

A estrutura baseada em interrogatórios cria tensão progressiva e favorece revelações sucessivas, enquanto o dilema moral de John Monturber amplia o alcance da narrativa para além do contexto de guerra.

O posicionamento dialoga com leitores de romances ambientados na Segunda Guerra Mundial e com o público de thrillers centrados em identidade, culpa, justiça, vingança, sobrevivência e versões conflitantes da verdade.

6. Potencial de adaptação audiovisual

Premissa cinematográfica. A tomada de Hoffnung, a ocupação de Ismloa e a troca de posições entre prisioneiros e antigos opressores formam imagens dramáticas de alto impacto.

Estrutura em duas temporalidades. Os acontecimentos do campo e da vila podem ser contrapostos aos interrogatórios conduzidos pelos norte-americanos, permitindo suspense, flashbacks e revelações graduais.

Personagem central forte. John Monturber concentra liderança, trauma, inteligência e ambiguidade moral, oferecendo um eixo dramático capaz de sustentar longa-metragem ou minissérie.

Conflito de alta intensidade. A aproximação da derrota alemã e a ordem para eliminar provas impõem prazo, ameaça externa e decisões irreversíveis.

Potencial para longa ou minissérie. A trama principal pode ser concentrada em um longa ou expandida episodicamente pelas histórias dos antigos prisioneiros e pelas diferentes versões reveladas nos interrogatórios.

7. Público-alvo

Leitores e espectadores adultos interessados em ficção histórica, Segunda Guerra Mundial, suspense, thriller psicológico e dramas sobre sobrevivência, identidade, culpa, vingança, justiça, memória e ambiguidade moral.

8. Sobre o autor

Juvêncio Marins é escritor, jornalista, professor, historiador. Foi cronista no Jornal da Bahia e na Tribuna Feirense. Finalista por três vezes do Prêmio SESC de Literatura, venceu os Prêmios Letras de Salvador e Mentres Verdes. É autor de obras de ficção e desenvolve também projetos com possibilidade de adaptação para outras linguagens, inclusive editoriais e audiovisuais.

9. Obras publicadas

- Crônicas e Contos que a Bahia Conta
- A Ordem de Bridge
- Blindfolded — Vol. I: Reação (também editado em formato HQ)
- A Regra — Vol. I: O Homem que Nunca Existiu
- Ponto Final
- A Irmandade da Cobra que Fuma
- A Casa de TR
- A Letra Morta
- A Casa Número 11 — Vol. I: O Assassino do Cano Duplo
- A Casa Número 11 — Vol. II: O Homem sem Rosto

10. Informações e contatos do autor

JUVÊNCIO MARINS

Escritor · Jornalista · Professor · Historiador

E-mail: maisde3neuronios@protonmail.com

Telefone / WhatsApp: (55 71) 99626-4779

Site: www.maisde3neuronios.com

AMOSTRA DA OBRA

Prólogo e capítulos 1 a 4

JUVÊNCIO MARINS

Cemitério de Pássaros

PRÓLOGO

Interrogatório

Ismloa, Baixa Saxônia, Alemanha, 12 de maio de 1945

Horário: 15:30hs

Após PEDIR LICENÇA AO OFICIAL ESTADUNIDENSE PARA ACENDER O CIGARRO, regalia especial que recebera depois de sua captura, ele trágou duas vezes, escorregou o dedo indicador ao lado da boca, sentindo prazer, e ao mesmo tempo receio quanto ao futuro, afinal, ali, naquela sala de interrogatório, ele era um prisioneiro, e não mais o mandatário daquela região, supostamente responsável por milhares de mortos no campo de concentração de Hoffnung, “Esperança”, em alemão, conforme ele recordou.

Entre as tragadas, lembrou como ele e seus parceiros enganaram até mesmo os emissários do próprio Hitler, para os quais não tinha outra opção que não fosse executar as ordens e eliminar prisioneiros e documentos, o mais rápido possível, para não deixar rastros para os aliados.

Ficou assim por um longo minuto mirando o par de soldados ao lado da mesa, e em seguida refletiu sobre o que fazer para convencer seus captores de que ele e todos os outros presos, na verdade eram as vítimas, e que ele mesmo jamais fora, realmente, embora facialmente muito parecidos, o Prefeito da pequena Vila que abrigava o campo nazista. Enfim, com o indicador apontado para o mapa da Alemanha, disse:

– O senhor, se fosse um rato, conseguiria escapar da ratoeira se estivesse com o rabo preso e cercado de gatos?- respondeu o idealizador de toda a trama, o professor e psiquiatra John Monturber de origem germano-britânica, ao comandante norte-americano, que lhe perguntara mais uma vez porque não fugiram da localidade, vez que tinham feito como prisioneiros todos os militares do campo de extermínio Hoffnung e os habitantes do povoado de Ismloa, na Baixa Saxônia, fazendo-os habitar os galpões do terrível campo de concentração, no lugar dos antigos prisioneiros, que tomaram de assalto o comando e substituíram os militares alemães e os habitantes de Ismloa.

Depois disso, ele decidiu falar sobre como tudo iniciou e se desenrolou.

CAPÍTULO 1

Karl Von Flanach

Imsloa, Baixa Saxônia, 27 de dezembro de 1944

horário: 14:40hs

ERA MAIS UM DIA FRIO E OS SOLDADOS DA GUARITA DE ACESSO PERCEBERAM A MARCHA LENTA DO VEÍCULO. O mais velho, que trazia as insígnias de sargento nos ombros, esfregou as mãos, ajeitou o quepe e fez sinal para o carro parar.

O VW Kübelwagen sacudiu a traseira antes de estacionar, por conta dos buracos na estrada para Imsloa, freando junto à barra de acesso. O jipe militar leve projetado por Ferdinand Porsche estava bem conservado àquela altura da guerra. Compilado por ele, em 1934, e apresentado ao Ministério dos Transportes do III Reich, Porsche recebeu a determinação para a construção dos três primeiros protótipos, nos quais foram incluídos os parâmetros para a concepção técnica do Volkswagen: arrefecimento a ar, motor e tração traseiros, e suspensão independente nas quatro rodas. Na dianteira, braços arrastados duplos com feixes de lâminas de torção como elemento elástico, enquanto na traseira eram semieixos oscilantes com barras de torção para o mesmo fim. A construção separada tradicional, chassi com a carroceria nele aparafusada, permitia vários tipos de carroceria, um pré-requisito para o projeto de uma versão militar aberta, como aquele que estacionou diante dos quatro militares da guarita.

O sargento caminhou até o condutor e pediu para baixar o vidro. Imediatamente percebeu a presença do oficial no banco traseiro, e recebeu do motorista a indicação de que se tratava do major Karl Von Flanach, filho do prefeito de Imsloa, que retornava ao lar, após três anos de ausência, com a perna amputada, resultado das encarniçadas batalhas contra os soviéticos, na fronteira polonesa.

O major Von Flanach trajava-se a rigor, para compensar o visível abatimento em seu rosto. Os uniformes nazistas eram esteticamente bem elaborados para criar uma boa imagem do partido e provocar uma sensação de pertencimento, patriotismo e orgulho. Tudo isso foi essencial para a inflamação dos ideais hitleristas, em especial para fomentar na juventude a sensação de se sentir importante politicamente e imbatível, algo que, naquela época, parecia distante e esvaziado.

– Sim, claro. Sou o sargento Werner – ele disse e fez continência nazista, ao verificar os documentos entregues pelo condutor, pedindo para que o motorista deixasse o veículo e fosse até a guarita, onde permaneceria até o retorno do veículo.

O sargento adiantou-se a explicar:

– Estivemos acometidos por um surto de tifo epidêmico e o prefeito tomou providências sanitárias de acesso à Vila. Por isso você ficará na guarita, com meus companheiros, enquanto eu conduzo o major até Imsloa. Aproveite que ainda temos café quente a essa hora do dia.

O motorista olhou para Karl Von Flanach, que assentiu e virou o rosto para o outro lado.

– Tudo bem – respondeu o condutor, abrindo a porta para o sargento ocupar seu lugar.

Em seguida o VW Kübelwagen retomou a marcha, desaparecendo na curva próxima. O motorista agradeceu a xícara de café, sentou-se no banco de madeira e concentrou o olhar na estrada. Dois soldados sentaram ao seu lado, enquanto um terceiro caminhou, deu um giro, sacou a pistola e disparou na nuca do condutor, que projetou-se para a frente, tendo o corpo contido pelos soldados, que o arrastaram para a parte lateral da construção.

O assassino guardou no coldre a Walther P38 de fabricação da Spreewerk, caminhou até a mesa, discou um número no aparelho telefônico, aguardou alguns segundos e anunciou:

– Professor, o filho do homem está a caminho.

CAPÍTULO 2

O Professor

Imsloa, Baixa Saxônia, 27 de dezembro de 1944

horário: 17:30hs

KARL VON FLANACH ESCUTAVA O SOM DO VW KÜBELWAGEN REDUZINDO À MEDIDA QUE O VEÍCULO AFASTAVA-SE DO LOCAL ONDE tinha ficado: a casa de seus pais. Jamais imaginaria que, ao atravessar o pórtico, utilizando suas muletas, seria recebido sob a mira de um par de pistolas Walther P38 de calibre 9mm Parabellum, fabricada, sob autorização da Carl Walther, pela Mauser, em 1941.

Inicialmente, ele riu, olhando para os dois soldados que as empunhavam, depois, percebendo que os militares pareciam cães prestes a cair sobre ele, sombreou a face e ergueu devagar um dos braços, sendo rendido por um terceiro, que surgiu da parte lateral da grande sala de estar.

Karl era especialista naquele tipo de arma. Sabia perfeitamente sobre sua eficácia, pois foi responsável pelo arsenal durante sua estadia nos teatros de batalhas na Ucrânia e na Bielo-Rússia.

Como projeto de pistola semi-automática, a P38 tinha características muito interessantes. Foi a primeira pistola a ser adotada por um exército dotada do sistema de dupla ação, onde o primeiro cartucho poderia ser mantido na câmara e ao utilizar a arma, bastaria puxar o gatilho, como em um revólver. Além disso, apresentava um eficiente sistema de trava de culatra, uma janela de ejeção grande o suficiente para evitar travamentos, um cão externo e um sistema de trava de segurança eficiente, soluções similares às usadas pelas pistolas Beretta italianas.

Ele meneou a cabeça, como se buscasse assentir com a atitude dos soldados, deslizando o olhar para suas dragonas, como a indicar o seu posto.

– Meus pais, onde estão?

O que parecia liderar os demais respondeu-lhe:

– Major, o prefeito ordenou que nos acompanhasse.

Acreditando ser uma estratégia de segurança por conta da aproximação do final da guerra, Karl não recusou a opção, embora pouco conseguisse disfarçar o mal estar, ao ser desarmado.

– Assim seja – disse, encaminhando-se entre os homens, abaixando a mão para apoiar-se nas muletas.

Seguiram em silêncio pelo bem iluminado corredor, ardonado com luminárias quatrocentistas e alcançaram a biblioteca do casarão, onde um homem o aguardava sentado em uma poltrona de couro cinza, com braços de madeira escura e encurvados, sob a luz do entardecer.

Os soldados recuaram, ficando dois deles à porta, com as armas em riste, e um terceiro do lado de fora. O homem ergueu-se devagar, girou e revelou-se, segurando um charuto. Karl estatelou ante sua perfeita semelhança com seu pai. No entanto, reconheceu-o imediatamente:

– O psiquiatra britânico? O que faz aqui, se é um prisioneiro? Por que usa as vestes de meu pai. Copiou-o até no formato do bigode. Que está a acontecer aqui?

– Professor John Monturber, major. Também psiquiatra, mas sempre professor. E minha ascendência é germano-britânica. Temos algo em comum, como vê.

Cinco minutos depois, o major estava sentado e amarrado no centro da biblioteca, com as muletas ao lado. O professor o observava em silêncio, sentado dois metros à frente, ladeado pelos soldados e com as mãos sobre o joelho da perna direita, mantida cruzada sobre a outra. John Monturber era um homem de estatura alta, tinha

um rosto com traços firmes, olhos agudos e voz macia, como a de um apresentador de programa matutino de rádio, em tempos de paz.

Monturber, de fato, era psiquiatra, e ganhara a confiança do prefeito Matheus Von Flanach, que o procurou no campo de concentração, ao saber sobre a sua especialidade. Queria auxílio médico para sua esposa Rebecca, acometida por depressão, que várias vezes a levou a tentar o suicídio, e, usando seu prestígio junto ao coronel Enlargen, chefe de Hoffnung, ofereceu-lhe a oportunidade de trabalho, inclusive com pernoite em sua casa, na Vila de Imsloa, enquanto perdurasse o tratamento.

Evidente que Monturber viu surgir a oportunidade de praticar o plano que urdiu, por meses, para escapar do lugar e levar o maior número possível de prisioneiros consigo. No entanto, a localização do campo e da Vila não recomendaria uma fuga em massa, e isso o levou a maquinar a trama, através da qual faria a troca dos prisioneiros pelos habitantes da Vila e os militares do campo. O que parecia impossível, como num golpe de sorte, pareceu-lhe cair no colo. E não perdeu a chance.

Profundo conhecedor de hipnose, como um exímio Rasputin, ele introduziu inúmeros gatilhos na mente da esposa do prefeito, e não só dela, mas das pessoas da ampla casa e do próprio Matheus, que hipnotizou durante uma terapia em grupo. Quando ele queria colocar Rebecca em transe bastaria dizer, em alemão, “Leher und Hündin”, que significava “Professor e Vadia”, para ela obedecer qualquer ordem sua. Quando era com o prefeito ele dizia “dummes Schwein”, que significava “Porco idiota”.

Dessa maneira, o professor foi paulatinamente controlando hipnoticamente os membros da família Flanach, e aproximando-se dos oficiais que comandavam Hoffnung. Foi um trabalho árduo, constante e persistente, entretanto, em pouco tempo ele deteve o controle mental, através da hipnose, das principais lideranças da Vila e do campo de concentração.

O palco para a grande artimanha estava montado.

Aos poucos, o professor fez o prefeito decretar que todos os habitantes de Imsloa passassem por exames médicos, que seriam feitos em Hoffnung, em razão de surto de tifo, que somente em sua mente existia, graças às ordens implantadas por Monturber. Cada leva de habitantes era substituída por um grupo de prisioneiros, que assumiam suas residências e suas tarefas na Vila.

E, naquele mês de dezembro completava um ano do dia em que ele alcançou o pleno sucesso, libertando todos os prisioneiros e fazendo cativos os habitantes da Vila e os militares.

Agora tinha, diante de si, o único membro da família Flanach, fora do seu controle psíquico, mas absolutamente rendido e estupefato com o que ele narrava.

– Você hipnotizou toda a Vila e a guarnição de Hoffnung?

– Óbvio que não, major. Não seja estúpido.

O major o observou caminhar até o janelão, olhar para fora e voltar-se para ele:

– O assunto é extenso, major. Muito extenso e repleto de camadas – disse o professor, enquanto soprava bolas de fumaça, da sua mais recente tragada no charuto.

Monturber refletiu um instante e falou:

– Hoffnung significa esperança, correto?

Não houve resposta. Ele continuou:

– Esse campo de extermínio deveria chamar-se Cemitério de Pássaros. O senhor já viu como os pássaros morrem? Já viu algum deles morto? Ninguém percebe ou se dá conta. Eles simplesmente somem, como se os seus corpos jamais tivessem existido, restam anulados. Enfim. Exatamente como em Hoffnung. As vidas que vocês, nazistas, conduziram à morte, desapareceram, sem vestígios, sem lembranças, cremadas ou soterradas por toneladas de terra em covas coletivas, feito pássaros, anuladas, sem recordações, um grande cemitério de

pássaros. Nos bosques, os pássaros são substituídos por outros e quase ninguém nota. Isso foi o grande mote para o meu projeto. Compreende?

O major sacudiu pesarosamente a cabeça.

– Você é um homem de sorte, major. Não será levado para o campo. Será prisioneiro aqui mesmo. Na casa onde nasceu. Não sei se fico à vontade em dizer que é meu hóspede.

Logo o rosto de Monturber ficou envolto por outra baforada. O major o mirava e tentava entender o quão maquiavélico seria o psiquiatra da fala bonita e recatada.

CAPÍTULO 3

De volta ao interrogatório

Imsloa, Baixa Saxônia, 12 de maio de 1945

horário: 16:41hs

O CORONEL BRAD STIELMANN FEZ UM SINAL E O DATILÓGRAFO CESSOU O TIQUETAQUEAR NA MÁQUINA. O rosto avermelhado e o seu nariz proeminente pareciam arder ante as palavras proferidas por John Monturber.

– Aqui ao lado, no mesmo corredor, existe outra sala de interrogatório, professor Monturber – comunicou, engolindo o café.

O professor soprou bolas de fumaça, esmagando o resto do cigarro no cinzeiro de louça pousado no criado-mudo.

– A pessoa que está lá dentro, nesse momento, sozinha, foi interrogada hoje cedo por mim – prosseguiu o norte-americano. – Imagina quem seja?

Houve uma pausa calculada e ele observou a reação no impávido semblante de Monturber, antes de fazer a revelação:

– Trata-se do major Karl Von Flanach – disse, atirando as palavras como se fossem flechas.

Monturber permaneceu imaleável.

– O curioso é que ele contou um enredo bem diferente do seu.

O professor não conteve um sorriso cínico:

– Nazistas, o que esperar deles que não seja a mentira e o logro?

O coronel caminhou em torno do assento de Monturber, enquanto falava:

– Ele me pareceu muito sincero.

O professor moveu as mãos como se concordasse e disse:

– Dr. Goebbels também o era. Mestre da mentira, convenceu toda a Alemanha a crer no seu ídolo, lavando-lhes a mente dizendo que uma criança ri quando sente alegria e chora quando sente dor. Ambas as coisas, rir e chorar, ela faz com todo o seu coração. Todos nós nos tornamos tão altos e tão inteligentes. Sabemos tanto e lemos tanto. Mas uma coisa esquecemos: rir e chorar como as crianças fazem. E assim fez este grande país caminhar ao precipício.

O coronel sentou diante dele, agora na mesa. Quebrando o protocolo, ele mesmo, dessa vez, lhe ofereceu um cigarro.

– Aceito um café, também, se possível. Pingado com leite e pouco açúcar.

Olhou para o datilógrafo e completou:

– A maldita diabetes...

O militar olhou para o coronel, que assentiu.

– O senhor tem tempera, professor.

– Coronel, devo considerar como um elogio ou o prelúdio do seu relatório?

Brad Stielmann sacou outro cigarro, riscou o fósforo no tablado da mesa e ficou quieto inalando. O datilógrafo pousou o papel ao lado, recarregando a Remington com outra folha de sulfite.

– O major Von Flanach – disse o coronel, reiniciando a explicação. – deixou claro que você e seus parceiros deram um golpe. Ele afirmou que tudo foi planejado por dinheiro. A propósito, o senhor sabia sobre a fortuna da família Flanach, não é verdade?

– Quem na Baixa Saxônia não sabe disso?

– De fato. A família fazia parte do partido e financiou ações para a construção do campo nessa região, em troca de um posto no oficialato para o filho.

O professor o interrompeu:

– Um imbecil. Ambicioso, quociente intelectual abaixo da média, e, sobretudo, um incapaz, embevecido com o dinheiro do pai, que vivia de bordel em bordel, sem aparentar qualquer futuro. Não surpreende que o pai tivesse comprado suas dragonas de major.

O coronel levantou-se, ainda com o cigarro entre os dedos.

– Bom, certamente esse é seu diagnóstico como psiquiatra.

Monturber voltou a sorrir:

– Até um energúmeno perceberia que Karl Von Flanagan mal sabe distinguir as próprias botas na escuridão – disse.

– Ele afirmou que você usou seus dons, digamos, estilo Rasputin na Corte Russa, para convencer os pais dele e alguns oficiais.

Monturber, com um discreto riso cínico no canto da boca, recordou das inúmeras vezes que se aproveitou para transar com Rebecca, algumas delas na frente do próprio prefeito, em transe. “Leher und Hündin”, ecoava em sua mente o gatilho que transformava a primeira-dama em sua vadia, na qual, através do sexo, entendia estar a descontar os incontáveis estupros coletivos praticados pelos nazistas em Hoffnung em suas colegas de cela. Fazendo-a acreditar que transava com o marido, ele ordenava que lhe fizesse sexo oral, deixando-o rígido para penetrá-la no ânus, sob gritos de prazer e completa luxúria. Suspirando, ele cruzou as mãos diante da face e falou calmamente:

– O senhor encontrou algo de valor em meus pertences? Vou mais além: existe alguma mala repleta com pedras preciosas ou algo semelhante nos aposentos que utilizei na mansão Flanach?

– Existem muitas maneiras de surrupiar valores – rebateu o oficial norte-americano.

– Então, me ensine como poderia fazer isso no coração da Alemanha, sem ter como afastar-me dez quilômetros do epicentro de Imsloa e não estar no meio do conflito. Soubesse eu como, esteja certo, junto com todos os que estavam comigo presos em Hoffnung, não pestanejaríamos um único segundo para escapar do inferno.

Monturber manteve a fleuma e continuou:

– Coronel, eu olhava diariamente para cada soldado e oficial alemão e percebia que eles podiam ter o controle do meu corpo, mas eles jamais teriam o controle da minha mente. Aqui dentro – ele cutucou a própria cabeça. – eu era livre. E foi graças a isso que consegui criar as condições para sairmos do campo. Você consegue entender isso?

Brad Stielmann coçou a testa e pegou mais café.

– Ele afirmou que você ordenou o assassinato dos habitantes de Imsloa, quando nossas tropas estavam próximas.

O coronel surpreendeu-se com a resposta:

– Sim, eu fiz isso. Ou o fazia, ou o plano falharia. Ele não deve ter contado sobre a visita dos inspetores SS que estiveram aqui e exigiram a limpeza de Hoffnung, certamente. Não existia opção. Somente a eliminação dos prisioneiros, e de todo e qualquer vestígio do que aqui se sucedeu. Isso ou prestar contas aos SS.

O coronel intuiu:

– Quer dizer que foi obrigado?

O professor quase não o escutou, e prosseguiu:

– Não era comum acontecerem inspeções em Hoffnung. No entanto, há alguns meses, vez que as notícias das frentes de batalhas anunciavam que prepostos de Hitler foram enviados para cada grupo de campos de extermínio, com a finalidade de eliminar provas, vestígios de todos os seus atos de limpeza étnica e qualquer possibilidade de encarceramento ou execução por crimes de guerra.

O coronel refletiu um instante.

– Então, quer me fazer crê que o major lhe quer atribuir tudo o que aconteceu em Hoffnung, mesmo o acontecido antes do motim que você arquitetou?

O professor cruzou os braços, olhou do datilógrafo para o coronel e disse diretamente como se desse uma joelhada:

– Em que mundo o senhor vive, coronel? Para escapar do enforcamento, ele dirá o que lhe for conveniente.

Monturber silenciou, buscou com o olhar por outro cigarro, e falou muito baixo:

– Nós dois sabemos que é assim que funciona.

O norte-americano olhou-o concentradamente por um instante, apontou-lhe o dedo e disse:

– Muito bem. Conte-me, então, a sua versão. Ouvirei atentamente.

CAPÍTULO 4

Hoffnung

Imsloa, Baixa Saxônia, 27 de dezembro de 1944

horário: 18:40hs

KARL VON FLANACH MANTINHA O OLHAR EM MONTURBER, EM ABSOLUTO SILÊNCIO. O PROFESSOR deslocou-se até a parte mais iluminada do aposento, fitou-o por alguns segundos e sacudiu a cabeça.

– Bem, vamos ver desde o início.

Os olhos do major mantinham-se impassíveis. Monturber começou:

– Hoffnung – disse ele – sempre foi o antônimo do próprio nome. Um lugar que emanava desespero e morte como uma sombra carregada, arrebatando a esperança dos que se viam forçados a cruzar seu portão enferrujado. A atmosfera sempre densa; um silêncio ensurdecedor e predominante, cortado apenas pelos gritos de comando dos soldados, mesclados com o som do vento uivante. As barracas, alinhadas em fileiras desiguais sob o contínuo céu cinzento e pesado, que pareciam cárceres da alma de cada prisioneiro, cujas histórias de vidas, antes vibrantes, somente reduzidas a fragmentos de tristeza e desesperança.

Ele caminhou e ficou de costas para o alemão. A sua idade mal era aparente, manchada, porém, pelos pesares da vida. Ele possuía um intelecto agudo e uma enorme e particular habilidade em fazer perguntas, muitas vezes aquelas que outro prisioneiro jamais se atreveria a fazer em voz alta, uma provocação que causava tanto admiração quanto temor em seus companheiros. Sua resistência era quase lendária, um farol para os que ainda nutriram a tênue esperança de um futuro que, aos olhos de muitos, parecia ter evaporado junto com a luz do dia.

– Meu caro major, neste lugar, como bem sabe, os dias se sucediam de forma monótona. Talvez pouco para que vivia em Imsloa, mas absurda para nós. A rotina se estabelecia como um ciclo interminável: acordar ao som do alarme do clarim, as filas para a contagem, os trabalhos forçados sob o sol ou debaixo de nevascas severas. Os prisioneiros, que um dia foram militares, professores, artistas, ambulantes e sonhadores, tornaram-se sombras de si mesmos, suas almas consumidas pela máquina opressora que destruía os seus corpos e sugava os seus espíritos. Conversas sussurradas à luz da lua, pequenas chamas de camaradagem e humanidade, eram as únicas saídas para o abismo da desesperança. Esse laço frágil, endurecido pela adversidade unia a todos nós na dor das memórias de uma vida que sabiam talvez nunca mais tivessem. Esse elo foio que alimentou a chama da resistência, e nos permitia estar sempre atentos ao momento em que a coragem precisaria emergir das cinzas do desespero.

Ele suspirou e mirou o major, que, dessa vez, balançava a cabeça negativamente. Monturber prosseguiu:

– Em meio a escuridão, havia um desejo pulsante por liberdade, um grito silencioso que se erguia a cada ordem brutal. As noites eram longas, cada sombra que se arrastava sobre as cabanas gerava um misto de medo e esperança; a incerteza dominava e a coragem não era fácil de encontrar, ante a desumanização promovida contra nós.

O major sacudiu novamente a cabeça e disse:

– Não há santos em Hoffnung e nem em qualquer outro lugar. Guerra é guerra.

Monturber apontou pela janela na direção do campo, onde estavam as guaritas altas, lugar onde ficavam os soldados da Wehrmacht com as metralhadoras MG-30 de fabricação austríaca, e lembrou do que dizia aos seus parceiros:

– Ali estão os monstros. Aqui, entre nós, estão os humanos. Não se permitam tornar-se monstros como eles.

Girou o corpo e firmou o olhar no do major por um momento. Depois continuou.

– Jurei fazer o impossível para preservar o que restava de humanidade em nós. Jurei, também, que não cederíamos, que algo precisava ser feito. E fizemos. Nos momentos com pouca vigilância, me reunia com os outros prisioneiros em espaços afastados, entre fardos de palha. Ali, escutei desabafos sofridos, como a história de Greta, a jovem artista que conheci, cuja criatividade e paixão foram sufocadas.

O major olhou para o chão quando ele silenciou. Monturber prosseguiu:

– A minha missão consistia em lembrar que não éramos números. Porque era no silêncio das noites, quando as sombras tomavam conta e as estrelas se tornavam as únicas testemunhas, que eu e meus companheiros permitiam-nos sonhar com a liberdade, com os campos verdes e com os risos, mas, acima de tudo, sonhar com um dia em que suas vozes pudessem ser ouvidas novamente. Foi assim que tudo nasceu. A discussão sobre a insurreição começou a ganhar espaço nas conversas sussurradas.

O major sentiu-se incomodado, mas Monturber continuou:

– Não teríamos outra chance, eu lembrava aos meus parceiros. Eu percebia o medo e a tensão em todos eles. Lembro-me que a inquietação se instalou e muitos prisioneiros recuaram, diante do peso da escolha. Recordo de cada rosto cético, de cada feição sem esperança, de cada olhar cheio de dúvidas. Mas, acordar do pesadelo era uma obsessão para mim. Nas semanas seguintes, o plano começou a tomar forma. Distribui funções, onde alguns cuidariam de desarmar os guardas, outros se encarregariam de fazer barragens com os objetos disponíveis que poderiam ser usados como barricadas improvisadas, em caso de fracasso, enquanto havia os grupos especialmente criados para a vigilância e a seleção dos grupos a serem silenciados. Claro, existia um medo profundo e uma consciência de que estavam arriscando, mas aquela era a chance, a oportunidade. Então eu lembrei a todos eles o nosso grande trunfo: um evento inesperado, uma centelha se acendendo no escuro horizonte de Hoffnung, e fiz perceberem que a sombra da opressão poderia, afinal, ser desafiada. Pois, voltar a ser espectador da própria vida já não era uma opção. E a sua família era a ponte para isso.

O major olhou-o de lado. O professor não escondeu um sorriso ao voltar a falar:

– As minhas habilidades.